

# “O CONQUISTADOR”: UM CRIME DE LESA-LITERATURA

TORCATO SEPÚLVEDA

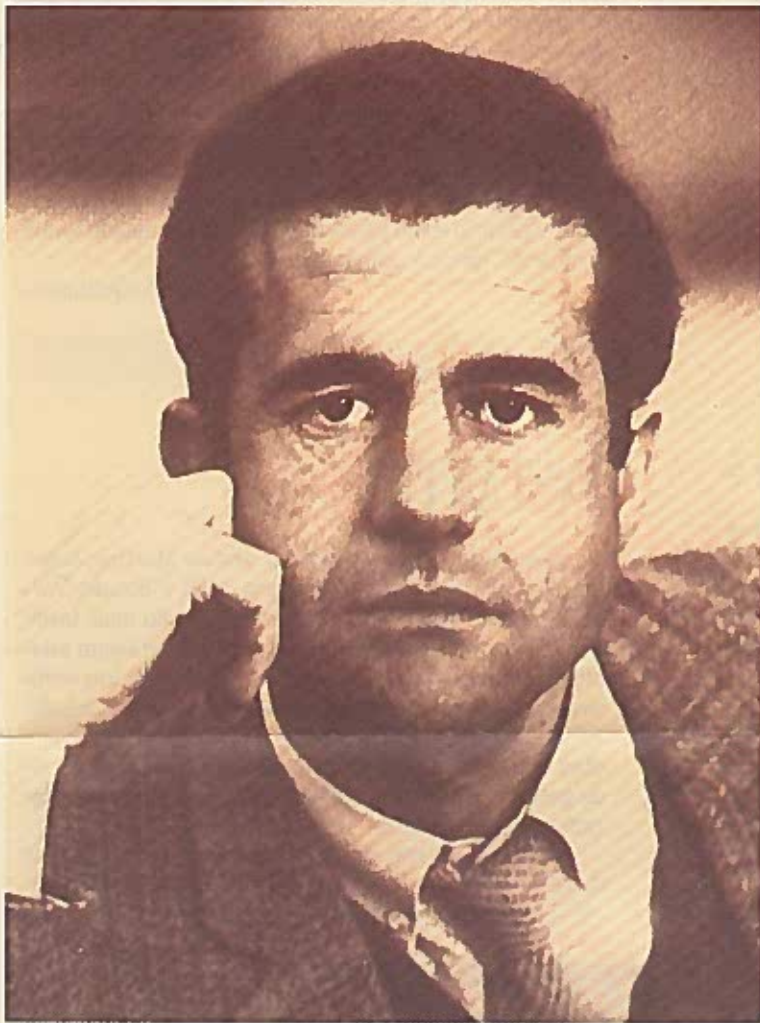
Como é que um autor com o passado de Almeida Faria, um autor que escreveu “Rumor Branco” e “A Paixão”, pôde cometer “O Conquistador”, um crime de lesa-literatura? Vontade de alinhar com as modas? Envelhecimento difícil? Esgotamento da criatividade? Seja o que for, não augura nada de bom para o futuro das letras portuguesas. Que Minerva nos valha.

**A** perplexidade tanto pode ser um estado de espírito criativo como conduzir à impotência. Não se deve provocá-la de forma leviana. Vem isto a propósito da mais recente novela de Almeida Faria. Para um livro de cujas páginas escorrem tantos litros de esperma, “O Conquistador” é singularmente castrador. Digamo-lo sem rodeios: provoca a perplexidade e a impotência.

Almeida Faria surgiu na literatura em 1962, com um romance ousado e vanguardista, “Rumor Branco”, e em 1965 insistiu na qualidade com “A Paixão”. Dois livros que, com “A Noite e o Riso” (1969) de Nuno Bragança e “Maina Mendes” (1969) de Maria Velho da Costa, fizeram época na ficção portuguesa. É muito para espantar que um escritor com tais responsabilidades desbarate agora o capital tão honrosamente adquirido. “O Conquistador” é um livro descosido, com uma acção que evolui aos solavancos, cheio de pormenores de mau gosto, extremamente convencional no que aos processos de escrita diz respeito — onde está a modernidade de que Almeida Faria foi, nos anos sessenta, um dos paladinos? — e sobretudo pedante.

Não se compreende na economia da acção a necessidade de fazer nascer a personagem principal no mesmo dia do pobre rei D. Sebastião, se não for para escrever um livro “dans le vent”. Agora é moda procurar no passado a semente de uma hipotética alma nacional. Chovem os romances históricos ou aparentados. Castros, Gamas e Almeidas não nos largam as mesinhas de cabeceira. Sebastião, esse, povoa-nos as noites de pesadelos. Mas enfim, quando o autor necessita, por exigência da lógica narrativa, de escrupulizar no irracional, o leitor aceita e pode até gostar. Preferiria talvez que os senhores escritores optassem por temas mais contemporâneos, mas aceita. Agora o que não atura é um D. Sebastião caído do céu aos trambolhões, só para fazer bonito.

Assentemos: a personagem nasceu no mesmo dia — de intenso nevoeiro — do derrotado de Alcácer-Quibir e chama-se Sebastião. Este Sebastião tem uma característica que o outro, o da História, não tinha: gosta muito de mulheres. O rei fugia do comércio carnal com o belo sexo — perdoe-se a vulgaridade da expressão, mas depois de um livro destes... Todavia cá



Almeida Faria: tanto tempo perdido!

está o Sebastião contemporâneo para vingar a raça. Não há rabo de saia que lhe passe impunemente por perto. Começa literalmente no berço: “lembra-se” de ter tido, aos dois anos de idade, um erecção, excitado com a beleza de uma anã. Memória prodigiosa. Na instrução primária, as coleguinhas vão caindo como torcos e acaba por se tornar amante da professora. Ao senhor ministro da Educação cabe defender a pureza do corpo docente contra as investidas dos infantes obceados.

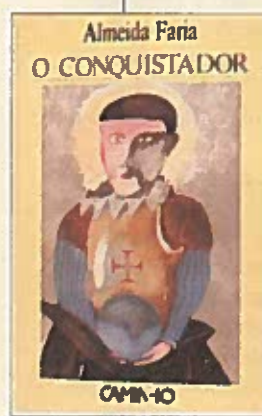
Porquê maçar o hipotético leitor com a enumeração dos feitos sexuais de Sebastião? Tornar-se-ia monótono como um filme pornográfico, ou como o próprio romance. Informe-se apenas que o nosso conquistador se relaciona com um grupo de monárquicos nacionalistas patetas que se convencem, e o tentam vencer, de que a data do seu nascimento prenuncia uma missão. Qual? Nunca se chega a saber! Ele lá continua galanteador, terrivelmente sentencioso, e com pouca vontade de cumprir um destino. Foge à tropa, para França, atitude que as frequentações monárquicas não faziam prever, onde inicia uma promissora carreira de chulo, entremeada com uma matrícula em História na Sorbonne, porque estava “cada vez mais interessado num passado que desejava desvendar”. Para rematar a incoerência, regressa a Portugal depois do 25 de Abril de 1974, recolhe à Serra de Sintra e faz-se eremita. Ainda por lá andar? Ah!, adivinha-se que um encontro com uma americana foi mais in-

tenso do que os outros, mas em vez de se ter exilado nos Estados Unidos, para onde a jovem voltara, foi como se viu para França servir as parisienses, com grande satisfação de ambas as partes.

“O Conquistador” poderia ser um mau romance bem escrito. Não é tal. Abundam as rimas e trocadilhos de mau gosto: “Sebastião, tira a mão” ou, se as circunstâncias mudam, “Sebastião, não tires a mão!”, “campanha leitoral”; “Kama-Sutras e camas-supras”; “prática de línguas várias que dentro e fora dos lençóis ia aprendendo”; “venéreas venerações”. O autor denota também grande predilecção por desvios vulgares de antigos “slogans” políticos: “Embora eu estivesse sempre, sempre, ao lado delas...”; “Ulisses, há oito anos de serviço cívico ao leito de Calipso”. Deleita-se com máximas que se costumam ouvir em jantares de antigos estudantes saudosos da estroina juvenil: “se assim é à mesa, na cama deve ser tesa”. E espraia-se em ditados tolos e marialvas: “A meloa e a mulher pelo perfume se conhecem”; “Mulher de raça não se exhibe em praça”, e outros do mesmo gosto e jeito.

É particularmente irritante a mania de colocar o adjectivo antes do substantivo: “maternos ventres” é um exemplo entre muitos. Tanto mais irritante quanto Almeida Faria demonstra estar consciente do ridículo do processo. Gabriel Gago de Carvalho, personagem muitíssimo tonta, quando se refere ao mar diz “espumoso vidro”. Sebastião declara a dado passo que a sua geração ficou vacinada contra a enxúdia literária. Sebastião talvez, o seu criador não.

Após a leitura de “O Conquistador” fica a sensação triste de que se trata de uma biografia; de que o autor não sabe envelhecer, se identifica com a pobreza da personagem. Uma personagem infantilizada, com o mesmo tipo de imaginário do miúdo protagonista de um folheto de cordel pornográfico, que os alunos dos liceus soletravam nas costas dos professores: “A Marca dos Avelares”. Almeida Faria vinha prometendo esta obra há dois ou três anos. Tanto tempo perdido! Há homens que cometem crimes, Almeida Faria cometeu um livro. ■



Título:  
**O Conquistador**  
Autor:  
Almeida Faria  
Capa: Secção Gráfica  
da Editorial Caminho,  
sobre “D. Sebastião”  
de Mário Botas  
Caminho, 1990